

Artur Eduardo Benevides), DEUSDEDITH DE SOUSA, poeta, autor de *Rosa Transcendente* — 1956, JAIRO MARTINS BASTOS (autor de *Orpheo* — 1961), JOSÉ MAIA, contista ainda inédito em livro, SINVAL SÁ, paraibano de nascimento, que residiu vários anos no Ceará, contista e romancista (*Fuga* — 1960 e *O Vinagre e a Sede* — 1965); ABDIAS LIMA, com vários livros de crítica literária e gramática, autor do romance *Cais Caos* — 1970, CIRO COLARES, cronista, autor de vários livros no gênero; ainda CAIO PORFÍRIO CARNEIRO (*Trapiá* — 1961), JUAREZ BARROSO e YOLANDA GADELHA TEÓFILO, que escreveram ficção fora de nosso Estado, contistas os dois primeiros, romancista a última, sendo dignos de nota, como divergentes, os poetas NERY CAMELO, ADAUTO GONDIM (consagrado cultor da trova, de renome nacional), FRANCISCO CAPIBARIBE, FERREIRA NOBRE, BATISTA SOARES, JOSÉ MAVIGNIER, e ainda LUCAS ANDRADE, ALTEVIR ALENCAR, ANTÔNIO DE OLIVEIRA RAMOS, VASQUES FILHO, CORNÉLIO PIMENTEL, REBOUÇAS MACAMBIRA (que se destaca também como excelente tradutor), ANGÉLICA COELHO e outros.

OS NOVOS

Designação algo imprecisa, não indica aqui os que nasceram realmente de certa data para cá, mas os que têm surgido literariamente em tempos mais recentes, com uma arte que reflete a contemporaneidade, em que coexistem (mesmo no plano nacional) tantas e tão diversas tendências, todas válidas.

NONATO DE BRITO

Raimundo NONATO DE BRITO — Revisor da Imprensa Universtária do Ceará. Poeta e contista, não publicou ainda livro, mas figura em várias antologias não só do Ceará, mas do Sul do País.

CANÇÃO DO HOMEM QUE VAI

*Filho, as mãozinhas que agitas
cheias de querer, ao vento,
vão ficar — polpas de aurora —
fincadas no fim da tarde
Eu que tiraram de mim...*

*Que as lâminas do sol não as ceifem
como ceifam os malmequeres
antes que as hastes
se alonguem
em teto do meu caminho*

*Os arco-íris de teus olhos
desferem úmidas setas
para pregar os meus passos
à curva de um nunca mais.
Pudessem parar o sol...*

*Mas um dia — se há um dia
em que os desejos florescem —
os cobrirei de domingos
na mão do tempo colhidos.*

*Tua voz, arame d'água
descendo morros de vento,
vem desembocar em risos
nos búzios dos meus ouvidos.*

*Se uma esperança é possível,
que a gargalhada das bruxas
não a trague
antes que eu grave
na cera de minha pele.*

*Meu filho, o caminho é grande.
Onda de lacraus de pedra*

*com as suas facas de brasa
repartem meus calcanhares,
roem-me os ossos da coragem.
Quero entender, não consigo.
E, se me viro e interrogo,
enormes velhas de sombra
atiram bolas de medo
nos meus nervos congelados...*

*Tudo é vazio de céu,
irremediavelmente vazio...
A tarde de mão no queixo,
as nuvens, lençóis de enfermos,
as pedras, duras e surdas
como um coração humano,
as flores, tuas mãozinhas
cheias de querer, mais longe,
a me espremerem por dentro
um fruto de sal e gelo.*

*E o suco salta das órbitas
e entra quais uvas suicidas
pela garganta da terra...*

*Mas, se neste mar de garras
sobrevive uma esperança,
te espero em mil manhãs...*

(*Poesia Cearense de Hoje*, Compilação de Carneiro Portela. Fortaleza, Ed. Henriqueta Galeno, 1973, pp. 92-3.)

Cultor de sonetos de sabor parnasiano-simbolista, Nonato de Brito tem praticado ultimamente poemas de dicção mais moderna, povoados de notas herméticas com um clima encantatório. Na composição acima, o poeta, sendo obrigado a separar-se do filho, é possuído de angústia ante o futuro de quem chama *Eu que tiraram de mim*, sentindo por isso tudo

vazio, e vendo nas nuvens "lençóis de enfermos", adiante invertendo o lugar-comum do coração duro como a pedra: aqui, as pedras é que são *duras e surdas / como um coração humano*. Entretanto, o final acena com a possibilidade de haver esperanças, o que equivale a elas existirem de fato. Note-se que predominam os versos de 7 sílabas (redondilhas maior), de sabor popular; todavia, não quis o poeta apegar-se rigorosamente a um esquema métrico, razão por que espalhou versos de vária medida ao longo de toda a composição.

CARVALHO NOGUEIRA

Jáder de CARVALHO NOGUEIRA — Jornalista e Assessor de Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Poeta, freqüentando há vários anos as páginas de nossos periódicos, somente agora resolveu publicar um livro, de sonetos: *Madrugada Pura* (1974).

SEMELHANÇA

*O violão do bar não me fez bem:
depois de histórias que contou de amor
durante quase toda a madrugada,
partiu para a seresta e eu fiquei.*

*Silêncio amargo e muita solidão.
Copos vazios, mesas sem ninguém
e os cães da vizinhança aproveitando
restos de tira-gosto pelo chão.*

*Onde aquela alegria de há bem pouco?
Ninguém ficou para beber comigo?
Os companheiros voltarão mais tarde?*

*Como parece o bar com a alma da gente
com que facilidade fazem festa!
E como se esvaziam de repente!*

CHORO DE FLAUTA

*Ouvi contar que meu avô paterno,
atormentado pelo gênio forte
da velha minha avó, tocava flauta
e não dizia nada em represália.*

*Tinha no peito um coração de santo
e, por não ser feliz dentro de casa,
se apaixonava na primeira esquina
por um simples sorriso de mulher.*

*À procura do amor, morreu distantes...
Quem me contou a história recordou,
Com tristeza na voz todo o episódio.*

*Eu não cheguei a conhecer o velho.
Mas toda vida que me falam nele,
Ouço um choro de flauta no meu peito.*

(Carvalho Nogueira. *Madrugada Pura*. Fortaleza, Tip. Progresso, 1974, pp. 49, 34.)

Embora o soneto sem rimas haja sido inaugurado pelo Modernismo, não é o fato de serem vazados em versos brancos que vai dar atualidade aos sonetos de Carvalho Nogueira, e sim o à-vontade com que são escritos, quase em tom de conversa. Essa espontaneidade se resolve em pura poesia extraída das coisas mais triviais, como em "Semelhança" onde, depois de alusões a ocorrências do cotidiano, surpreende-nos o poeta com a comparação dos últimos versos, que assumem maior força pela rima involuntária. Em "Choro de Flauta", um de seus mais felizes momentos, o autor, após contar, com sua maneira desataviada, como era seu velho avô, infunde nos dois versos finais toda a carga lírica que irá inundar, com efeito retroativo, os outros doze versos do soneto. Vemos assim que, não obstante certo prosaísmo deliberado, os poemas

transcritos revelam-nos um poeta dotado de aguda sensibilidade e dono de estilo muito pessoal.

CID CARVALHO

CID Sabóia de CARVALHO — Professor da Faculdade de Direito da UFC e da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, além de radialista. Publicou *Gritos e Murmúrios* (1956) e *Pássaro de Fogo* (1972), ambos de poemas. É filho do poeta Jáder de Carvalho e da contista Margarida Sabóia de Carvalho.

LIÇÕES DA TERRA

*Porque tenho nos olhos mal dormidos
lição das emboscadas dos caminhos,
quero que tu ensines a nós todos
toda a fertilidade de teu íntimo.*

*De uma simples semente que te damos,
tu nos devolves todo um mundo em flor;
dos rios que se vão seguindo ao mar
ensinas a grandeza desta união.*

*Por tua semelhança com os sábios,
ouvirei dos caminhos bifurcados
a lição que será dada ao viajor.*

*Seguir pela direita, pela esquerda,
voltar? — Quero o mistério das distâncias,
quero a lição das margens que não passam.*

OUVINDO A SERENATA DE SCHUBERT

*Neste instante, sentindo assim, ouvindo assim,
dir-te-ei o que não dizem os nossos mudos lábios
depois que tudo passa e vem a fé dos sábios
bater à alma fria, ávida de calma, enfim...*

*Porque tanta ternura e tanto amor em mim
desgasta na alma forte a rigidez humana
e me devolve a ti, ai tanto nos irmana
que é preciso morrer sentido, ouvindo assim...*

*Baixa a cabeça, amor, ouve frases antigas
que os amantes repetem meigos sem saber
que são versos das velhas e mesmas cantigas.*

*A alma transborda enquanto o cérebro não pensa:
sentindo assim, ouvindo assim, quero morrer
com mil rasgos de luz na alma já quase imensa!*

(Poesia Cearense de Hoje — cit., pp. 28-9.)

Em sua estréia, Cid Carvalho, muito jovem ainda, praticava o poema social em versos livres unicamente. Pelas suas mais recentes produções — talvez de seu último livro, que não nos chegou às mãos —, vemos que ele já se volta para o verso medido, como no primeiro soneto reproduzido, que se compõe de decassílabos brancos, com uma ou outra assonância (*caminhos / intimo, sábios / bifurcados*, etc), e no qual o autor como que prega um integração do homem ao meio-ambiente, tirando da natureza os ensinamentos para a vida. Outros sonetos, porém, como o segundo transcrito, ostentam rimas (embora não sigam os quartetos o esquema clássico), mas não foram observadas as regras de composição do verso alexandrino, sendo irregulares os versis 2.º, 4.º, 10.º e 11.º. Retrata o soneto, em seu clima onírico, de remate quase condoreiro, o êxtase produzido pela música.

BARROSO GOMES

Francisco BARROSO GOMES — Atualmente Juiz de Direito na cidade de Independência. Permanece inédito em livro, apesar de escrever poemas desde a década de 50, quando participou do movimento concretista no Ceará.

IMITAÇÃO

*O céu invejado.
Nos campos os pirilampos.
O chão estrelado.*

FACEIRICE

*A treva pesada
se deita. A noite se enfeita
de coifa dourada.*

ARREBATAMENTO

*O cão uiva ou canta?
Eu penso que morre: o imenso
luar na garganta.*

AMANHECER

*Do dia, lá fora,
A nuança: é o galo que lança
borrifos de aurora.*

PRIMAVERA

*Lua. Flor. Desmaio.
No vale da noite a pálida
lua, flor de maio.*

ESPERANÇA

*Verde hora. Verdura.
Na hora da primavera,
a espera, ânsia pura.*

O haicai, poema de origem japonesa, era para Guilherme de Almeida (que o introduziu no Brasil com a inovação da

rima), “a poesia reduzida à expressão mais simples. Um mero enunciado: lógico, mas inexplicado”.⁸⁵ Barroso Gomes conseguiu captar o espírito desse micropoema. Nos dois primeiros está presente aquela singeleza dos esboços de Bashô. Já nos dois que se lhes seguem, “Arrebatamento” e “Amanhecer”, foge o poeta um pouco a essa simplicidade para evidenciar sua força de transfigurador da realidade, em momentos de raro sortilégio verbal. Mas, vindo do Concretismo, e conhecendo o chamado poema práxis, seria impossível não deixasse ele em seus haicais um traço sequer dessas tendências; assim é que em “Primavera” quase há paronomásia na rima dos versos 1.º e 3.º (é composta a rima leonina). E não deixamos de notar certo virtuosismo nos jogos de palavra que urdem “esperança”, onde predomina o homeoteleuto. Embora autor de belos sonetos modernos, Barroso Gomes encontrou-se artisticamente ao praticar o haikai, gênero em que já é quase um mestre.

HORÁCIO DÍDIMO

HORÁCIO DÍDIMO Pereira Barbosa Vieira — Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da UFC e de diversos colégios de Fortaleza, além de Chefe da Assessoria Jurídica da SEVOME. Publicou *Tempo de Chuva* (1967) e *Tijolo de Barro* (1968), ambos de poemas.

A FUMAÇA

cigarro

cigarr

cigar

ciga

cig

ci

c

cinza

sarro

O BANCO DO JARDIM

*ela foi embora
mas as palavras que ela disse ficaram
e conversaram muito tempo ainda*

A SOLUÇÃO

*daqui a cem anos
todos os nossos problemas
nos terão resolvido*

O PROFESSOR

*o que mais impressionava
era a extrema magreza
o olhar profundo
a arquitetura bizarra*

*a falta de tato
o coração vazio
e o riso exagerado*

do esqueleto suspenso na parede

TALVEZ NUNCA PUDESSE TER SIDO DIFERENTE

*o quase-herói
vive contando a história
da sua quase façanha*

(Horácio Dídimo. **Tempo de Chuva**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967, pp. 5, 34. **Tijolo de Barro** Fortaleza, in Edições, 1968, pp. 29, 89, 105.)

Consoante a observação de Braga Montenegro, Horácio Dídimo é um poeta que “nos veio do Concretismo e que ainda hoje, é fácil a constatação, se mostra sensível aos aspectos visualísticos e externos do verso e da estrofe”.⁸⁶ É justamen-

te o que se patenteia no primeiro poema transcrito, “fumaça”, que praticamente não pode ser lido em voz alta, e cuja disposição dos vocábulos (encurtando-se gradativamente) revela claramente a mensagem, dispensa portanto maiores comentários. Em “o banco do jardim” temos, a nosso ver, o mais alto momento de poesia atingido pelo autor: note-se que a quase extrema economia vocabular não chega, nem de longe, a prejudicar a onda de lirismo que transborda do poema. N’ “a solução”, de recorte aparentemente humorístico, temos na verdade uma dolorosa (e para alguns talvez consoladora) verdade: a transitoriedade de nossos contratempos, grandes ou pequenos, em face do evoluer inevitável dos anos; isso dito da maneira mais original e inusitada. Temos visto que o poeta se realiza no micropoema; todavia, algumas vezes se estende em composições menos concisas, como ocorre com “o professor”, cuja força reside na surpresa do derradeiro verso, revelador do determinado por tantos determinantes nos versos anteriores. Por fim, no último poema, o drama de quem não conseguiu atingir o ideal, ficando a meio caminho, conformado porém com sua quase a vitória, esquecido de que ela é também um quase-fracasso...

LINHARES FILHO

José LINHARES FILHO — Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da UFC. Poeta e ensaísta, publicou *Sumos do Tempo* (1968) e, na revista *Clã* n.º 25, *Voz das Coisas* (1970), de poesia. Seu ensaio “Linguagem e Filosofia de Machado de Assis” teve menção honrosa do Prêmio Esso — Jornal de Letras para Universitários Brasileiros em 66.

ELEGIA DO CAVALO DA INFÂNCIA

*Meu cabelo em desalinho
a toda a terra acenava:
eu ao céu ia subindo
no galope em que montava...*

*As ore!has do cavalo
viam fantasma na estrada,
enquanto que o seu galope,
todo fundido com o vento,
meu ser volatilizava...*

*As léguas por que passei
montado no seu galope,
nas suas patas ficaram...*

*Quantos donos terá tido,
quando meu pai o vendeu?
Por que caminhos não seus
Desandou até morrer
com um trotar modorrento
e os derradeiros relinchos
de animal velho, doente?*

*De ventos sob os açoites,
preto que era, — para sempre
ter-se-á fundido na noite...*

A MINHA MÃE, HABITANTE DA MORTE

*Tua branca rede já não se arma
para a sesta. Todavia guardo,
com o ranger longínquo dos armadores,
a placidez do teu sono
a entreter o meu sonho.*

No teu aposento, mansa e invisível, dorme uma ave.

*À mesa posta, entre o apetite e a lembrança,
há uma cadeira sem dono.*

*Falta ao alimento o tempero
que de tuas mãos ninguém pôde aprender.*

*Mas junto a mim está um cântaro
que se encheu de lágrimas que libertam.*

*As dálias do jardim continuam a florescer,
cada ano, tão brancas, tão viçosas! Contudo*

*parecem reclamar a sutileza
de um carinho que o meu sono não esquece...
Teus pincéis dormem
com a resignação de pincéis.
Minha alma imperfeita, a despeito de teres sido
artista perfeita, pede, todo dia,
os últimos retoques.
Santa e elmo,
no navio em que eu encontrar borrasca,
os teus olhos serão santelmo...
No silêncio noturno não se ouvem mais
os passos cautelosos com que fechavas
a janela que dá para a rua,
no entanto percebo,
na lâ escura da noite,
o abrigo do teu xale.*

SONETO SUPPLICANTE

*Dai-me o caminho certo do Absoluto
que com o meu sangue busco e com o meu grito.
Dai-me essências, odores de infinito,
aquilo que me falta e por que luto.*

*Dai o Absoluto às sombras do meu mito,
aos estertores do meu dia em luto,
ao desespero do meu olho enxuto
entre os desvãos da lógica em conflito.*

*Às minhas construções dai prumo e sorte,
do salitre interior livrando-as. Dai-me
escapar ao negror da eterna morte,*

*e levar-me do pó do contingente
e aos cimos ir do subterrâneo andaime,
tal como girassol que a luz pressente.*

(Linhares Filho. *Sumos do Tempo*. Fortaleza, Sin Edições, 1968, pp. 59-60, 63-4, e manuscrito do autor.)

Conquanto a apresentação de três poemas não baste para que se conheça com segurança a mundividência e as virtualidades formais de um poeta, as presentes produções de Linhares Filho nos dão pelo menos a certeza de estarmos diante de um poeta de rica sensibilidade e apurada técnica artesanal. Na "elegia do cavalo da infância", vazada em redondilha maior (o que nos evoca simultaneamente a regularidade do galope do animal e um clima de cordel), temos uma idéia de como trabalha o verso medido, infundindo-lhe vida nova através das imagens que habitam o poema, enchendo-o de conotações (p. ex., *As orelhas do cavalo / viam fantasma na estrada*); na última estrofe, as lembranças assumem uma atmosfera sobrenatural de rara beleza. "A minha mãe, habitante da morte" traz-nos o cultor do verso livre: um dos instantes mais felizes de sua obra poética, esse poema é denso de lirismo e de amor, revelando, em cada pequeno índice, a presença doce e constante da insubstituível; note-se, a certa altura, como o poeta se serve de dois vocábulos diversos para, adiante, evocá-los dentro de um terceiro (*santa e elmo / santelmo*). Por fim, transcrevemos o "Soneto suplicante", em que o autor pede uma explicação dos mistérios existenciais, um roteiro seguro à sua trajetória, uma iluminação, enfim, que lhe garanta um sentido à vida. É o poeta ansiando pela imortalidade através de uma vida e de uma obra inspiradas no Absoluto e por isso acima do terra-à-terra que se aniquilará um dia; o soneto segue o esquema rimático ABBA BAAB CDC EDE, não lhe faltando o requinte da rima composta (*Dai-me / andaime*).

BARROS PINHO

José Maria BARROS PINHO — Professor, exerce o magistério do 2.^o Grau, sendo ainda Diretor do Colégio Oliveira Paiva, em Fortaleza. Poeta e contista, publicou *Planisfério* (1969), *Natal de Barros Lunar e 4 Figuras no Céu* (1970), e *Circo Encantado* (1975).

A BOMBA

*vamos escovar
os dentes
enquanto a bomba
não vem*

*vamos
ao piquenique
da espécie
enquanto a bomba
não vem*

*vamos brincar
com bambolê
enquanto a bomba
não vem*

*vamos so (r) rir
e fazer tudo
o que a bomba
não faz*

A CIDADE

*o arco azul
sobre variantes
da beleza*

*o corvo sem voar
dentro da noite*

*o ventre do tédio
prenhe de suicídio*

*o beija-flor que passa
e perpassa no círculo
volátil do perfume*

*o transeunte sob
o ritmo dos ponteiros*

*estrelas burocratizadas
sábado inserido na ilusão
domingo contido na rotina
circo com palhaço em greve*

*homens sozinhos
nos fios eletrônicos
esqueceram deus
na primeira esquina*

(Barros Pinho. **Planisfério**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1969, pp. 41, 44-5.)

Barros Pinho tem predileção pelo micropoema, como outros autores aqui focalizados, mas escolhemos duas de suas composições que, se não são as mais longas, também não comportam aquele qualificativo. Preocupado (melhor diria talvez angustiado) com o progresso acelerado da tecnologia, está o poeta vez por outra celebrando os feitos da Astronáutica, mas não sem deplorar os males advindos desse mesmo progresso, retratando a perplexidade do homem moderno, inerme diante da possibilidade de uma guerra atômica. Este o motivo da exortação contida em "a bomba", onde inclusive se vislumbra o temor do desaparecimento da própria espécie humana, quando a bomba vier; veja-se a nota de sabor concretista em só (r) rir. "a cidade" nos mostra o poeta diante do desumano e do trivial da cidade grande e moderna, onde do tédio arrasta ao suicídio aqueles que vegetam sob uma rotina implacável, esquecidos de Deus.

ROBERTO PONTES

Francisco ROBERTO Silveira de PONTES Medeiros —
Tem exercido a advocacia, em Brasília e em Fortaleza, sendo atualmente professor do Centro de Ciências Humanas da Uni-

versidade de Fortaleza. Publicou *Contracanto* (1968) e *Lições de Espaço* (1971). Praticou o poema e o ensaio, tendo vencido o Prêmio Esso — Jornal de Letras para Universitários Brasileiros de 1971, com o ensaio “Vanguarda, Apresentação e Tese”.

CONTRACANTO

*Estou em meu poema
como os amantes se estão.
Moro nas vogais e consoantes
ós e rizes cantantes.*

*Estou nos casebres tristes
da imaginação.
Sou nas quase
vírgulas de ouro
que faço sem porquês.*

*O alfabeto habito
como me moram
muitas vezes muitas
meu coração.*

DO BEIJO DO MUITO AMAR

*Teu beijo
o longo poema não escrito
o longo sono
sem espaço e sem medida
a pluma pura e doce
entre os meus dentes.*

*a sílaba que nasce sufocada
o madrigal dispondo em ordem
milhões de madrugadas
o perfume sobre os lábios.*

*teu beijo
o sal de purificar o sonho
a chuva em tempo de verão
a rosa língua rosa
por minha língua rosa
'spetalada.*

TEÇO DE PALAVRAS...

*teço de palavras
a rubra nostalgia
terço na aurora
corações ressabiados
teço do silêncio
a contextura
terço na aurora
a intenção da vida
teço no desejo
as linhas sobre cores
terço contra a noite
para que venha
o dia*

(Roberto Pontes. **Contracanto**. Fortaleza, Sin Edições, 1968, pp. 19, 21; **Sinantologia**, Fortaleza, idem, 1968, p. 94.)

“Contracanto”, poema de abertura do livro de estréia de Roberto Pontes, vale como uma profissão de fé artística, na qual o autor se diz integrado no poema, estando todo inteiro em quantos fonemas apareçam — *Moro nas vogais e consoantes / ós e rizes cantantes* —; e os casebres tristes (2.^a estrofe), embora sejam “da imaginação”, refletem uma nota cara ao poeta, o tema social; contudo, o poema quer refletir fundamentalmente a consciência artesanal do autor. O segundo, lírico-amoroso, vem confirmar essa consciência, pela exploração dos sons, notadamente as bilabiais que pontilham todo o poema, encerrado por um vocábulo mutilado: “a aférese do último verso parece *mostrar-nos* o despetalar que as

palavras apresentam”, notou Pedro Lyra, prefaciador do livro. O último, sem título, trata do tema social a que nos referimos, mas é patente a preocupação formal. Em *Lições de Espaço*, em que os poemas se integram num todo difícil de fragmentar, quer o autor cantar “a miséria, o sonho e o triunfo do homem”: *o homem / se enluva / em sua farda / recolhe mostruário lá na lua / e volta / imantado de amplidão.*

ROGÉRIO BESSA

José ROGÉRIO Fontenele BESSA — Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da UFC e da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, de Limoeiro do Norte. Poeta e ensaísta, publicou *Poesia em 2 tempos* (1968) e *Praxiscópio* (s/d).

ELEGIA DO COENTRO

*o canteiro não o faz mais verde
namoram-lhe as sementes os pássaros
cuidado de mulher o ajeita
do vento que o entortou*

*vegetal de vida útil e breve
que nasce verde e verde morre
não lhe será longa a vida
as folhas amarelecendo*

*coentro, tempero de alguns
destempero de si próprio
utilidade verde da vida
brevidade verde de si mesmo.*

PRAXISCÓPIO

*o impacto
do
cacto
intacto*

ESSA COITA

*essa coita que me invade
gran coyta que d'amor ei
foi a que, vivendo El-Rei,
experimentou Guilhade*

*os olhos verdes d'amiga
me fazem ora pensar
se azuis não eram, cantiga
só, quem dela saberá*

*sei que cantiga d'amigo
decanta os olhos d'alguém
do hoje outrora que consigo
lembrar por mal e por bem.*

(Rogério Bessa. **Poesia em 2 Tempos**. Fortaleza, Sin Edições, 1968, pp. 83-4; **praxiscópio**. Fortaleza, Foto Flash, s/d., sem numeração de páginas; manuscrito do autor.)

Na "elegia do Centro", do livro de estréia, o autor vai descobrir poesia em algo aparentemente prosaico, ou anti-poético, o *vegetal de vida útil e breve*, derramando-se a carga lírica principalmente no verso derradeiro; composto em versos de medida vária (mas nunca chegando a 10 sílabas), é a nosso ver o mais feliz instante de sua arte. O segundo livro, cujo título demos ao poema aqui reproduzido, segue o chamado poema-práxis, apenas prenunciado no de estréia; no texto transcrito, se não vemos exatamente um *produto* dinâmico, passível de transformação pela interferência ou manipulação do leitor", como prega Mário Chamie para o poema-práxis,⁸⁷ nota-se a perfeita adequação fundo/forma, com a reiteração do grupo oclusivo *ct* dificultando a própria leitura do poema. O último, sem título, em redondilha maior e com rimas sempre regulares, inspira-se na poesia trovadoresca (à maneira do *Pequeno Romanceiro*, de Guilherme de Almeida), chegando o autor a citar nominalmente Joan Garcia de Guilhade, tro-

vador galego do século XIII. Embora buscando a vanguarda, sua poesia não foge de nossas raízes poéticas e lingüísticas.

PEDRO LYRA

PEDRO Wladimir do Vale LYRA — Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da UFC e de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza, de cujo curso de Letras foi Coordenador. Redige uma coluna no *Jornal de Letras*, do Rio. Poeta e ensaísta, publicou: *Sombras* (1967), *Doramor* (1969), *Poesia Cearense e Realidade Atual* (1975) e *Utiludismo* (1976). Seu ensaio “Quem Tem Medo de Augusto dos Anjos?” obteve o prêmio Esso-Jornal de Letras para Universitários Brasileiros, em 1968.

POÉTICA

na lavra
que lavra
a linguagem
a palavra

na linguagem
imagem
o tema
a mensagem

no tema
problema
o poeta
o poema

SOMBRAS

amor
luz
mundo

mundo

ilusamor

DORAMOR

(A Busca)

*Que seu corpo fosse macio como um pedaço de nuvem
transformado em carne pela simples idéia da minha
[existência
e sua alma, leve como um resto de sombra transfor-
[mado em vida ao saber da minha espera;
que seus olhos tivessem aquele encanto que deram
ao mundo os primeiros clarões da minha primeira
[noite
e seu olhar, o mistério do mundo quando o vi des-
[pertar da minha primeira noite;
que seus lábios fossem feitos da espera do meu beijo;
sua voz, da transformação dos meus pensamentos em
[palavras
e seu sorriso, da alegria que o criasse em nosso en-
contro; que suas mãos tivessem a medida exata do
[meu carinho
e seu carinho, a ternura com que as flores saudassem
a madrugada em que eu despertasse para a vida.*

(Sinantologia, cit., pp. 75 e 78; Pedro Lyra. **Doramor**
Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1969, p. 30.)

Já liberto do decadentismo filosofante do livro de estréia, *Sombras* (1967), vemos o autor seguir, em “poética”, um dos postulados do poema-práxis, ou seja, a noção de tema como problema, ainda segundo o autor de *Lavra Lavra* ⁸⁸ note-se que o terceiro vocábulo de uma estrofe será na seguinte o primeiro, com o qual rimam o segundo e o quarto; trata-se de uma profissão de fé do poeta de hoje. Em “*Sombras*”, serve-se o autor de um jogo de fonemas (a 2.^a estrofe é quase a inversão fônica da 1.^a) para retratar uma concepção pessimista do mundo, chegando afinal a cunhar um vocábulo, *ilusamor*. Do longo poema *Doramor* (1969) escolhemos um trecho apenas: vazado em versos livres e longos, nele consegue o autor fugir a qualquer nota de pieguice, não obstante

o lirismo amoroso derramar-se por vezes num clima de eloquência romântica. Com os poucos poemas aqui reproduzidos acreditamos haver dado uma amostra da arte poética de Pedro Lyra, que entretanto julgamos realizar-se melhor através do ensaio. ⁸⁹

CAETANO XIMENES ARAGÃO

Pertencendo cronologicamente a uma geração anterior, seu lugar, como o de outros aqui incluídos, justifica-se entre os “novos” pelo fato de somente agora haver aparecido, literariamente, com o livro *O Pastoreio da Nuvem e da Morte* (1975). Médico, exerce suas atividades particularmente e no Instituto Nacional de Previdência Social.

O HOMEM O COMPUTADOR E O NOVO ÉDIPO

*A máquina não pensa
apenas reproduz
o que os ruminantes de chicletes
julgam que pensam*

*O homem pensa
incomoda o enlatador
de salsichas*

*Enquanto os computadores
se multiplicam
há o limite da natalidade
O homem é negado
haja mais máquinas
e menos homens*

*Na automação se oculta
o fabricante da morte
o pistoleiro esfacela
o cérebro do Homem que pensa*

*Para a nova Esfinge
um novo Édipo
não me decifres
porque serás devorado*

*Os alquimistas da bomba
destruíram Hiroxima e Nagasáqui
para criarem
o mito do medo
quem tem medo da máquina?
quem tem medo do homem?*

*amanhã não haverá escolha
nem profissão para o homem
apenas legiões robotianas*

*o novo Édipo
o novo Homem
não teme a Esfinge*

BALADA VENTO CANÇÃO

*O vento da minha terra
era músico e bailarino
vinha na boca da noite
voltava nos pés da manhã*

*De mansinho ele voltava
menino solto nas matas
brincando de esconde-esconde
nas verdes copas das árvores*

*Falava à noite comigo
coisas que não se entendia
balançando a minha rede
onde a infância se sabia*

*Às vezes vento lunar
feito de luz e de escuma*

*nuvens brancas carregando
nos seus braços relembráveis*

*Às vezes vento noturno
no bojo da escuridão
singrando negros cavalos
nas noites de tempestade*

*Encolerizado às vezes
era louco redemoíinho
de repente vento sereno
a brincar pelos caminhos
Súbito às vezes parava*

*feito animal assustado
que de repente estancasse
nas pistas da ventania*

*Mas nem sempre florescia
dentro do silêncio enorme
que escorria da minha alma
e na noite se perdia*

*Descia às vezes dos morros
entoando a sinfonia
na copa verde-amarelo
do canavial que dormia*

*Gostava de ouvi-lo forte
na frincha das telhas-vãs
vindo acordar as auroras
e o sol das verdes manhãs*

*Ó vento da minha terra
ó vento doce balada
vento canção de ninar
jamais escrita ou cantada*

*Distanciado no tempo
tentei ouvi-lo de novo*

*mas a canção se perdera
nos longes da minha infância*

*não nascido
de cesariana*

*parturejado
sem técnica
nasci sem artifícios*

*humanizado
no insólito
me fiz homem*

*não nasci
para ser
devorado pela esfinge*

*permanecerei íntegro
sofrido e doído
consciente do meu destino*

*de ser humano
que não aceita
ser um número*

(Caetano Ximenes Aragão. **O Pastoreio da Nuvem e da Morte**. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975, pp. 23-4, 25-6, 45.)

Prefaciando o livro de estréia de Caetano Ximenes Aragão, observa Francisco Carvalho que às vezes o poeta “é triste e amargo”, vendo tudo “sob uma luz cruel”. Mas em meio à dor que lhe causa agonia do homem, não deixa de lhe notar a presença da esperança, ressaltando também as incursões que ele faz à sua infância, o que (de nossa parte o notamos) vem amenizar

a amargura da maioria de suas produções. Logo no primeiro poema transcrito podemos constatar a revolta do poeta contra a massificação do homem, cada vez mais dominado pela máquina que ele mesmo criou: o resultado será não haver mais escolha no futuro, mas *apenas legiões robotianas*; mas é no mesmo poema que encontramos a esperança, expressa nos versos finais pela crença num homem novo. Na “Balada vento canção”, mergulha o autor no mundo da infância, razão talvez dos versos setissílabos feitos sem rigor métrico (há deles de oito sílabas), apesar de a linguagem não ser a do cordel; termina o poema com o *topos* do reencontro frustrado, presente numa lira de Gonzaga, em versos de Cláudio Manuel da Costa e no famoso soneto de natal de Machado. Em “Poema” vemos novamente o protesto do poeta contra o mundo do robô e da bomba; não obstante ser um homem de ciência, ele lembra que, a partir do nascimento, tudo lhe foi natural, não abdicando portanto à sua condição de homem. O livro de Caetano Ximenes Aragão é dos mais fortes que nos têm surgido ultimamente.

FRANCISCO SOBREIRA BEZERRA

FRANCISCO de Paula SOBREIRA BEZERRA — Funcionário do Banco do Brasil; tendo-se iniciado na agência de Sobral, transferiu-se para Natal (R. G. do Norte), onde residiu cerca de sete anos. Regressando ao Ceará, publicou seu livro de estréia, *A Morte Trágica de Alain Delon* (1972), reunindo 11 contos, alguns dos quais já estampados em jornais de Fortaleza. Exerceu por algum tempo a crítica cinematográfica.

OPERAÇÃO COROADA DE ÊXITO

Empoleirado nesta cama, desde ontem — ou anteontem? Vão me levar daqui a pouco, finalmente. O anestesista anestesiado e penduleando me examinou e confirmou a hora da operação. Foi embora com o bigode pretíssimo encostando no cigarro, deixando o quarto com hálito de bebida penetrante nas minhas narinas, sufocando-me a respiração. Tudo isso

acontece pra me aporrinhar. Um cachorro ganiu a noite toda, o doente do quarto vizinho gritou tirando meu sono. A noite toda o chuveiro pingou, já manhã os pingos avolumaram-se, invadiram o quarto, treparam na cama e me cobriram. Despertei ouvindo meus berros de socorro, a enfermeira me estendendo um copo d'água. Ela permaneceu junto de mim conversando, até me acalmar. Não ouvi mais o cão e o doente gritarem, virara defunto o doente. Pensei em seus gemidos, tive remorso por o haver amaldiçoado, mas logo me convenci que a morte tinha sido um bem para ele. A moça pensava assim, fiquei em paz, não era responsável pela morte do infeliz.

Alguém bate à porta, mando entrar. É a enfermeira que saiu há pouco, equilibrando entre o fura-bolo e o cata-piolho a seringa abarrotada do líquido que vai me narcotizar. Me veste para a operação, fura meu braço, dói muito, mas com pouco não vou sofrer mais nada, a sádica me tranqüiliza. Está cada vez mais perto da hora de me levarem. Ela se retira e me deseja uma feliz operação. Os olhos vão ficando pequeninos, o corpo amolecendo, os músculos relaxando. Uma música sofrida sussurra nos meus ouvidos, fugida de uma radiola longínqua, nas asas do vento. Seus versos devem falar de infelicidade, não consigo entendê-los, sinto apenas o gemido da melodia. Outros estão ouvindo ela? Não, não, tenho certeza que somente eu. Entre milhões de padecentes fui o escolhido para escutar o seu lamento. Já vão chegando os homens, a música despede-se de mim. São quatro homens de preto, com eles está a enfermeira que me fez beber água açucarada, e me furou e me narcotizou, cabelos soltos pra cobrir o corpo nu. me ajuda a passar pra cama de rodas, depois senta a meu lado. Dois homens seguram de cada extremidade da cama e a suspendem, como ignorando as rodas. Atravessamos a estreita sala de visitas, alcançamos o corredor comprido, há uma multidão estacionada nas portas dos quartos esperando minha passagem. Um velho aparece como cabeça de uma fila. O radinho pregado no ouvido toca a Marcha Nupcial. Um dos homens tem o rosto do meu tio, só que meu tio não era carrancudo. Na véspera de me internar encontrei quinhentas vezes com o

Buick que o matou. Parecia de propósito. Fiquei pensando besteiras, não posso ver o Buick preto e carcomido que não sinta medo de morrer como ele. Fiquei com ele até o último gemido, a última palavra ininteligível. (Quem escutará meu gemido final, além do médico indiferente?). O homem agora ri pra mim do jeito que conheço bem. Aterrissam a cama, como se tivessem descoberto as suas rodas. Deviam estar combinados, logologo o sócia do meu tio, usando o mesmo risozinho moleque, e o outro homem empurraram a cama que arrancava na maior velocidade.

.....

A conversa martelava minha paciência, retardava a operação. O marchante ignorava minha presença, envolvido pelo assunto. Mais de uma vez me deu vontade de fugir, pra protestar contra a indiferença dele. Será que a operação era desnecessária, como a do meu vizinho? Ia ser isso, o marchante não tinha que me ligar, conversava animado e suas palavras amaciavam os ouvidos das enfermeiras. Alguém começa a esmurrrar a porta, a enfermeira corre pra atender, escuto uma voz cochichada e logo depois a porta fechar com violência. E a voz da mulher desembestar:

“A diretora manda comunicar que o anestesista faleceu há meia hora se o senhor quer que me mande atrás de outro.”

“Hoje não. A operação fica adiada pra outro dia” (a voz do marchante, ditatorial).

Entreabro os olhos, pesados de sono os meus olhos distinguem dentes enormes de algodão querendo saltar da boca. escuto uma voz esfalfada pela caminhada longa:

“A operação do senhor foi coroada de êxito. O caixão, qual a cor que o senhor prefere?”

Verde. E voltei a dormir.

(Francisco Sobreira Bezerra. **A Morte Trágica de Alain Delon**. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1972, pp.

Escrevendo a “orelha” do livro de estréia do autor, diz Eusélio Oliveira: “O que importa na realidade não é o “contar

por contar”, mas como nas fábulas de La Fontaine ou de Esopo, extrair “lições” sardônicas do comportamento “moral” de cada personagem. ” Efetivamente, o espírito crítico do contista está presente em diversas estórias, como na que dá título ao livro, onde toda uma sociedade sofisticada condena impiedosamente o motorista que, sem querer, matara Alain Delon, cãozinho de estimação de um casal do *high society*. No conto presente, “Operação coroada de êxito”, do qual reproduzimos o início e trecho do final, as notas de quase surrealismo sugerem a cosmovisão do doente, fruto da própria enfermidade ou do anestésico: os parágrafos quilométricos são expressivos, ao retratar a enxurrada de pensamentos que lhe assaltam o cérebro. Em tudo vemos notas de fantástico, ou de absurdo: o anestesista anestesiado, com hálito de bebida. a música só ouvida pelo doente, os homens de preto carregando a cama como se esta não tivesse rodas, o rádio tocando a Marcha Nupcial, o sócia do tio morto, por fim o falecimento do anestesista, os dentes enormes, de algodão, e os parágrafos, finais. Note-se o à-vontade com que o autor joga com as palavras: “Tudo isso acontece pra me aporrinhar”, “Outros estão ouvindo ela?”, sem contar a criação de vocábulos a partir de outros ou por simples repetição, como “penduleando” ou “logologo”. Estamos realmente diante de um ficcionista, cujos contos, no dizer de José Alcides Pinto prefaciador do livro, “nada ficam a dever ao que de melhor se faz no moderno conto brasileiro.”

MARLY VASCONCELOS

MARLY Sales VASCONCELOS — Fez o curso de Direito na Faculdade de Direito do Ceará, mas não exerce a advocacia. Presentemente faz o Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Publicou *Água Insons* (1973).

BALADA

*A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.*

*Aí, realejo antigo,
voz doce de serenata,
jasmim, rosas, sempre-vivas,
trepadeira no sobrado.*

*A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.*

*Seios cobertos de seda
palidez no rosto clássico,
camélias presas nos dedos
fiam tecidos de prata.*

*A moça acena com um lenço
da mais fina cambraia.*

*Valsas de quinhentos dias
vão no pó se escondendo,
na casa-grande sozinha
vai a moça envelhecendo.*

*A moça acena com um lenço
e cambraia do passado*

A casa-grande assombrada.

A VELHA VARANDA

*A velha varanda antiga e enferrujada
tem várias faces e âmagos.*

*Ninguém penetra em seu aroma sem flores
mas dela se recebe mansa sombra.*

*Já houve noite de silêncio nesta varanda sem nome
Já houve tempo de poetas nesta varanda de sonhos.*

*Descem bêbadas sombras frias e um dia se acabam
mas não se apaga nunca a velha varanda.*

Feito passado e mancha.

Feito passado.

ALAZÃO

*Na noite o cavalo se banha
com a cor do luar.*

*O tempo é puro.
A rosa enfeite de santo.*

*O cavalo baba insônia
na paisagem noturna.*

*As margens das coisas se perguntam
e a brisa risca o orvalho.*

*Inesperado
contra a noite*

o cavalo tomba.

FRÁGIL ECO

*Quando formos os futuros mortos
e deixarmos um pouco de dor e lágrimas,
quando nossos gestos tornarem-se desconhecidos e parados,*

*teremos a impressão de que
somos os que foram à praia
os que leram jornais
os que telegrafaram e enviaram postais.*

*Ficaremos apagados
menos no cartório onde deixaremos alguns dados biográficos.*

*E na lousa onde teremos os nomes gravados.
Seremos bons, alegres, simpáticos
puros como o mármore,
para os que nos pisarão com seus sapatos.*

(Marly Vasconcelos. *Água Insone*. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1973, pp. 18, 23, 24, 106.)

A partir do título de seu livro, Marly Vasconcelos se revela verdadeira poetisa, sabendo aproveitar-se do sortilégio das palavras. "Balada" (em redondilhas e hexassílabos, com rimas toantes), mostra-nos todo um belo passado, presente no realejo, na serenata, no rosto clássico, na própria casa-grande onde vive a moça, e reiterado pelo dístico; a moça, porém, envelhece, e o dístico se transmuda, terminando o poema com um verso isolado, em que a heroína se transforma em legenda. "A Velha Varanda" também nos fala do passado que, quando presente, povoava de vida o sítio que hoje é mancha, passado em suma; atente-se para a beleza de imagem do verso *Descem bêbadas sombras frias e um dia se acabam*. *Alazão*, que no livro traz epígrafe de Cecília Meireles ("Tão pesado, o peito do cavalo morto!"), cuja influência é clara nos versos da nossa autora, reveste-se de um clima encantatório que se instaura logo nos primeiros versos: a noite, a cor do luar, a rosa, a insônia (*O cavalo boba insônia*), as margens das coisas, o orvalho, tudo contribui para a magia desta página de grande beleza que atinge seu clímax com o imprevisto final. "Frágil Eco" fala do futuro, explicitamente; mas, implicitamente, fala do passado, uma vez que, tratando de um tempo em que seremos defuntos, sob velhas lousas, automaticamente a autora nos põe no passado. A presença das coisas pretéritas marca inúmeras composições desse livro, um dos melhores da nova geração.

OUTROS NOMES

Falar, do ponto de vista crítico, sobre a contemporaneidade literária, principalmente no que tange à última geração, é como desejar colher frutos antes da safra. Sabemos, por conseguinte, que este capítulo vai desatualizar-se breve e fatalmente (quantos abandonarão as letras, ou encontrarão outros rumos, sem falar nos que ainda surgirão?), mesmo porque, alguns anos passados, esses novos já não serão tão novos...

Quisemos, todavia, documentar, tanto quanto possível, o momento atual, o *agora* de nossa literatura.

Assim é que, aos nomes já apresentados, juntamos os de SÂNZIO DE AZEVEDO (*Cantos da Longa Ausência* — 1966), CÉSAR COELHO, cultor da trova e autor de um livro de crônicas bastante originais (*Strip Tease da Cidade* — 1968), YEDA ESTERGILDA (*Mais Um livro de Poemas* — 1970), ODÁLIO CARDOSO DE ALENTCAR, romancista premiado (*Recordações da Comarca* — 1971), FARIA GUILHRME, romancista inédito, os poetas JOSÉ HÉLDER DE SOUSA, HAROLDO FRANCO, ROGÉRIO FRANKLIN, INÊS FIGUEIREDO e LEDA MARIA; ainda LEÃO JÚNIOR, teatrólogo, e GILMAR DE CARVALHO (autor de *Pluralia Tantum* — 1973), bem como os contistas MARCONDES ROSA e TEOBERTO LANDIM.

Nomes aos quais ainda acrescentamos os de JONAS LUZ, RENATO SALDANHA, CARLOS ALBERTO BESSA, REMBRANDT ESMERALDO ou CARNEIRO PORTELA, alguns dos quais apenas se iniciam nas letras, para não falarmos, repetimos, daqueles que surgirão mais tarde para reivindicar seus lugares, não podendo ser ausências os nomes de JOSÉ JACKSON COELHO SAMPAIO, CARLOS EMILIO CORREIA LIMA, NILTON MACIEL e AIRTON MONTE, contistas, e MANUEL COELHO RAPOSO e JOSÉ MARIA MAPURUNGA FILHO, poetas, bem como LIVARDO ARAÚJO BARBOSA. ANTÔNIA CÉLIA FRANÇA MESQUITA, FRANCISCA DE FÁTIMA SOUSA. ADRIANO ESPÍNDOLA e MÁRCIA GURGEL, poetas e ficcionistas.

Conta-se que, surpreendido pela enorme quantidade de livros que, quase semanalmente, recebia do Ceará, o escritor Valentim Magalhães, nome hoje esquecido, mas vulto exponencial da vida literária nacional nos fins do século passado, chegou a dizer, na coluna que mantinha na *Notícia*, do Rio de Janeiro, aí por volta de 1895: “O Ceará não pára, o Ceará não cansa:”⁹⁰

Olhando para trás, no cabo desta jornada empreendida desde os tempos remotos dos Oiteiros, e acompanhando o evoluer de nossas atividades literárias até nossos dias, podemos bem, confiando no futuro da Literatura Cearense, repetir, depois de tantos anos, as palavras do esquecido escritor carioca.